

**Recensão do livro *Sobre a Religião:*
Discursos a Seus Menosprezadores
Eruditos, de Friedrich Daniel
Ernst Schleiermacher**

**(Trad. Daniel Costa. São Paulo:
Novo Século, 2000, 176 p.)**

Por um lado, já não era sem tempo. Por outro lado, poderia ter sido muito melhor. Esta é a impressão geral com que fica o leitor após esquadriñar a tradução ao português dessa obra crucial e de estudo obrigatório para a ciência da religião, tanto em seu significado histórico-ideativo como em sua fecundidade metodológica e filosófica.

De qualquer modo, cabe sem dúvida reconhecer a importância da iniciativa desta pequena editora. É difícil especular se a ausência, até agora, de uma tradução daquele que passou a ser conhecido como o manifesto do primeiro romantismo alemão (*Frühromantismus*) sobre a religião teria sido sinal de indiferença ou mesmo de ignorância entre os círculos dominantes da intelectualidade brasileira, sob cuja égide - e às vezes cabresto! - normalmente se move o grande mercado editorial. A verdade, porém, é que a obra de Schleiermacher, que provavelmente encontra hoje na Itália o seu maior reflorescimento nos países de língua neolatina, aos poucos vai se fazendo visível até mesmo entre nós.

No Brasil, o acesso ao pensamento de Schleiermacher se dá a partir de iniciativas isoladas, e que freqüentemente se ignoram entre si. Tanto quanto posso avaliar, a ocupação com a hermenêutica do teólogo e filósofo tem alcançado maior visibilidade, ao que se segue um incipiente interesse por sua teoria da religião, fortalecido pelo impulso da tradução ao português que é objeto da presente resenha.

De fato, seria já possível redigir uma resenha bibliográfica - um *Literaturbericht* - sobre a recepção de Schleiermacher em terras brasileiras. Embora não seja este o objetivo da presente recensão, cabe notar, somente de passagem, o ocorrido desde 1994, sem pretender uma descrição exaustiva. De Mauro Schwalm, tivemos (Mauro SCHWALM,) *Schleiermacher e os fundamentos da teologia prática*, (Série Ensaios e Monografias, n. 6), São Leopoldo: IEPG/Editora Sinodal, 1994. De minha própria autoria, tivemos (Luís H. DREHER,) *O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher* (Série Teses e Dissertações, n. 6), São Leopoldo: IEPG/Editora Sinodal, 1995, onde, como apêndices, encontram-se traduzidos o "Primeiro Discurso: Apologia" das *Reden über die Religion* (ibid., p. 87-101) e a "Introdução ao Compêndio de 1819" da *Hermeneutik* (ibid., p. 102-114). Meu trabalho concentra-se na noção de experiência religiosa e na relação entre teologia e filosofia, sobretudo no pensamento maduro de Schleiermacher. Já em 1999, foi publicada uma tradução mais abrangente dos manuscritos schleiermacherianos sobre hermenêutica, sob o título *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*, Petrópolis: Vozes, 1999. Neste volume, o texto de Schleiermacher é precedido por uma hábil introdução do também tradutor Celso R. Braida. De Aloísio Ruedell, tivemos, recentemente, um estudo de maior fôlego sobre a hermenêutica: (Aloísio RUEDELL,) *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Como se vê, faltam ainda traduções de partes importantes da obra schleiermacheriana, com possível destaque para sua dialética, ética e teologia. De qualquer modo, o quadro é mais animador desde a última década, e testemunha, com um certo atraso, a renovação do interesse, especialmente filosófico, pela obra do "pai da teologia moderna".

Como se dizia, a tradução de *Sobre a religião*: discursos a seus menosprezadores eruditos, vem preencher uma lacuna importante. Trata-se de obra basilar para quem quiser compreender aspectos importantes das negociações entre a cultura moderna, a religião vivida e a concepção e da religião. Em *Sobre a religião*, Schleiermacher toma sobre si a tarefa nada fácil de elucidar os mal-entendidos tradicionalistas e iluministas a respeito da religião, organizando sua obra em torno do eixo condutor de uma defesa espraiada da autonomia da religião.

Dita defesa é formulada laconicamente no final do “Primeiro Discurso: Apologia” com a tese de que “a ela pertence uma província própria na alma” (p. 26). Nesta defesa, ressalta a tese de que a religião é “a mais sublime obra de arte [da humanidade]”, e não “uma planta parasitária, que só pode se alimentar de seiva estranha” (p. 24). Que a religião é um elemento intrínseco do humano - ao menos do humano em sua melhor expressão! - é aspecto central da argumentação de Schleiermacher até agora. Ela se tece contra uma concepção pragmática e utilitária da vida, na qual se perdeu de vista a relação com o Infinito na única vida indivisa.

O “Segundo Discurso: Sobre a Essência da Religião” é o mais longo e reconhecidamente o mais difícil e importante de toda a obra. Nele, trata-se de definir e indagar sobre a essência da religião depois de conquistada, ao menos provisoriamente, a atenção dos ouvintes e a suspensão de seus preconceitos diante do orador como virtuoso da religião. A estratégia da defesa da autonomia da religião se explicita na tática do contraste: essencialmente, a religião não é nem moral nem metafísica. Este é de fato o aspecto crucial da teoria schleiermacheriana da religião, que o distingue, respectivamente, das abordagens de Kant e de Hegel. Schleiermacher afirma o aspecto essencialmente comunicativo e expressivo da religião, bem como sua tolerância fundamental. (P. 33.) O fanatismo é sempre resultado de um mau uso da religião pela moral (p. 43). Spinoza é lido positivamente, como expressão mal-entendida da mais pura piedade. (P. 35-6.)

Mas o que importa estabelecer neste discurso é que a religião é “intuição”, “sentido e gosto pelo infinito” (p. 35), mui-

to antes do que um pensar ou um agir (p. 33). A rigor, ela é a fonte da qual estes brotam, na sua própria e necessária independência; mas sem a religião, que os acompanha como uma “música sagrada” (p. 43), eles perdem o seu sentido enquanto tarefas *humanas*. Isso ao menos enquanto o humano for posto em sua correta perspectiva, a de “ser um lugar de descanso em direção ao infinito” (p. 62).

Por último, já mais para o fim do segundo discurso, Schleiermacher desconstrói os pressupostos dos próprios desprezadores da religião, na medida em que reinterpreta os conceitos de revelação e do sobrenatural, e na medida em que dissocia, do conceito de religião, conceitos tão caros ao próprio iluminismo como a divindade e a imortalidade.

No “Terceiro Discurso: Sobre a Formação Com Vistas à Religião”, o autor dá prosseguimento à sua estratégia de diferenciar a religião, mas sem deixar de garantir seu lugar de direito na formação da humanidade. Temos aqui um arranjo todo peculiar sobre o tema coletivo, vindo já do classicismo alemão, da *Bildung* ou formação para a cultura universal. A tese central é que ninguém forma nem conduz a outrem para a religião (p. 83), na medida em que o âmbito da religião é a comunicação e a expressão livre da individualidade (p. 79). Naturalmente existem virtuosos da religião que se destacam, mas eles não são, ao modo gnóstico, superiores a ninguém. A formação para a religião tampouco requer a busca do infinito fora do finito (p. 85), mas sim o espaço para que a religião brote sem a repressão de uma mentalidade prática, utilitária e prudencial que busca “encadear o homem ao finito”, abafando sua “disposição para a religião” (p. 84). No final desta parte, Schleiermacher, provavelmente tendo em vista seus companheiros de círculo romântico, aproxima religião e arte. A uma só vez aquilatando e exprimindo a índole do romantismo, observa aos desprezadores: “Reparai nisto: a meta de vossos supremos esforços atuais é por sua vez a ressurreição da religião!” (P. 98.) E: “Vede como a árvore celeste se desenvolve no meio de vossas plantações sem vossa colaboração.” (P. 100.)

No “Quarto Discurso: Sobre a Sociabilidade na Religião ou Sobre a Igreja e o Sacerdócio”, Schleiermacher move-se

seguramente a fim de buscar um novo espaço entre a tendência individualista-racionalista da *Aufklärung* e a tendência tradicionalista, que entenderia a comunidade religiosa e seu clero segundo o modelo hierárquico. A comunidade religiosa, simplesmente chamada de “Igreja” - que, assim como no escrito de Kant sobre a religião, não é, aqui, um conceito teológico -, brota espontaneamente da tendência comunicativa e expressiva inerente à religião enquanto receptividade e reação vital-primordial diante do infinito. Num gesto usual, que se repete aqui, Schleiermacher preocupa-se em entender a comunidade religiosa a partir de seu interior e de seu “centro” (p. 102), sem tentar explicá-la a partir de fora. A sociabilidade intrínseca da religião deriva-se do seguinte fato: “Se portanto, pressionado por sua natureza, o homem religioso fala por necessidade, é precisamente por esta natureza que ele procura também ouvintes.” (P. 103.) Numa variação importante sobre o tema reformatório do sacerdócio universal de todos os crentes, Schleiermacher define que “cada um é sacerdote na medida em que atrai os outros a si” (p. 106), ou seja na medida em que comunica necessariamente a outros sua intuição e sentimento do infinito. Assim também, a comunidade religiosa pensada no marco da heteronomia - como Igreja no sentido hierárquico e político - é apenas um dos aspectos do real; ou, mais radicalmente, ela é apenas a sociedade “daquelas que buscam todavia (sic!) a religião” (p. 111.) Portanto, não é especificamente a religião que a gerou ou a gera; portanto, ela “tem de ser absolvida provisoriamente de toda a culpa relativa a qualquer calamidade, que esta tenha podido produzir (...)” (p. 115). Faríamos bem, em nossos dias de inculpação da religião por conflitos tão complexos no mundo, em reconsiderar a perspectiva schleiermacheriana sobre a sociabilidade peculiar à religião.

Por fim, na última parte de sua obra, o “Quinto Discurso: Sobre as Religiões”, Schleiermacher de novo nos brinda um tema de extrema atualidade. Afinal, sua discussão salienta o tópico da infinitude da religião (p. 142), que se expressa em inúmeras formas, numa pluralidade de religiões, todas elas expressões de individualidades possíveis e necessárias, e, por que não dizer, suficientes desde um ponto de vista humano.

Trata-se do último passo, no pensamento do próprio Schleiermacher inultrapassável, antes de uma completa relativização das formas religiosas e culturais na figura do que, em sentido lato, pode ser hoje designado de historicismo.

Para Schleiermacher existe uma identidade inalcançável no âmbito do espírito, e no entanto necessariamente postulável: “a religião”, se quisermos. E, embora esta não subsista num mundo separado das idéias, tornando-se “positiva” para nós numa pluralidade de manifestações históricas, nosso autor não chega ao ponto de dizer que tudo é simplesmente fruto da contingência. O círculo da religião está ainda incompleto, pois que ainda existem nele lacunas, possíveis e necessárias intuições do universo e do infinito, que no entanto não podem ser “deduzidas”, ao estilo hegeliano, de uma lógica intrínseca ao desenvolvimento do espírito.

A religião é, com toda probabilidade, o elemento central na formação de toda individualidade histórica: já o sabia Schleiermacher. A partir dessa premissa, ter uma “religião natural” seria o mesmo que não ter religião. A religião exprime uma forma sempre determinada de relação imediata com o infinito; portanto, para compreender uma religião, é preciso encontrar sua “intuição fundamental” (p. 159), aquilo que faz que ela seja ela, e não outra. A partir deste princípio, nasce já o tema da “essência do cristianismo”, tão caro ao teólogo Schleiermacher e que se repete, quase que obsessivamente, por todo o liberalismo teológico no protestantismo do longo século XIX.

No quinto discurso, Schleiermacher aparece já, em certa medida, como apologeta do cristianismo, após tecer considerações sobre a característica do judaísmo e do cristianismo. Temos aí a antecipação de temas posteriores, concentrados especialmente nas duas edições da *Glaubenslehre*. Mas há que ler Schleiermacher corretamente: por seus próprios critérios, a compreensão da intuição fundamental de uma religião é, como toda compreensão, sempre aproximativa. Nisso ele não se diferencia do romantismo como um todo, pois intervém, também aqui, a idéia de “aproximação infinita”, como tem bem destacado o filósofo Manfred Frank. Mas mais ainda, e mais importante, é o dizer do próprio Schleiermacher: “(...) temo

que também a religião só possa ser compreendida mediante si mesma e que sua estrutura especial e seu caráter distintivo não vos sejam claros até que vós mesmos pertençaís a alguma delas.” (P. 162.) Uma confissão que deve ser lida como um desafio à compreensão, e não simplesmente descartada como pretexto para afirmar o caráter impérvio, “esotérico” da religião e, logo, a necessidade de submetê-la ao moinho simplificador das explicações “científicas”.

Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos, é ponto de referência obrigatório na meditação sobre as relações entre razão e religião na modernidade. A sua fecundidade é verdadeiramente interdisciplinar, e não há como exagerar este aspecto. É tanto mais em vista disso que decepciona a má qualidade da tradução e da revisão textual, e mesmo ortográfica, do volume sob nossa apreciação. Não se indica, na folha de rosto, a fonte em que se baseia a tradução. É-se tentado mesmo a concluir que temos, diante de nós, uma tradução bem ruim de uma outra, a espanhola, dada a má aplicação constante de falsos cognatos como “todavía”, presente, por exemplo, numa citação já feita acima. Às vezes faltam inclusive linhas inteiras, e a linguagem rica e complexa do próprio Schleiermacher sofre violência, bem mais do que a naturalmente esperada em toda tradução.

De qualquer modo, temos aqui um ganho em relação a uma situação anterior, e pode-se obter uma impressão geral bastante útil do alcance da obra publicada por Schleiermacher em 1799. Aos iniciantes, recomenda-se cuidado, seguido do aviso de que esta definitivamente não é a tradução definitiva ao português de *Über die Religion: Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern*.

Luís H. Dreher
PhD, Professor nas Cadeiras de
Filosofia da Religião
e Modernidade Filosófica e Religião
PPCIR-DCRE-UFJF